

**GAÚCHOS E CASTELHANOS: SEM LINHA DIVISÓRIA  
(Imagem do Castelhana na Literatura Sul-Rio-Grandense)**

**Silvia Helena Niederauer Xavier\***

*O que foi  
e  
o que é  
como se sempre fosse  
no campo sem fronteira  
e  
na fronteira sem limites.  
(Aldyr Schlee, Contos de sempre)*

O castelhano como personagem em várias manifestações da literatura sul-rio-grandense é fato que desperta interesse na investigação de sua permanência e transformação nesse sistema literário. Por que, em alguns textos, é tão forte essa presença e, em outros, ela se dilui ou marca-se pela ausência?

A História Oficial e a História Literária do Rio Grande do Sul, se comparadas à história e à literatura de outras regiões do país, apontam uma possibilidade de resposta, por ter vivido o Estado sulino, em sua origem e formação, o freqüente litígio de posse de suas terras pelas

---

\* Mestranda em Literatura Brasileira da Universidade Federal de Santa Maria.

duas Coroas Ibéricas: Portugal e Espanha.

Desse modo, a história da formação do Rio Grande do Sul - delimitação de fronteiras, colonização, povoamento - oscila entre duas bandeiras: a espanhola e a portuguesa. Se a história convive com a presença de duas nacionalidades que, quase sempre, estão em conflito, a literatura sulina também retrata esta situação numa tentativa de, através de seus heróis, demarcar o espaço e propiciar o reconhecimento do território brasileiro, liberto das ganâncias de seus descobridores e colonizadores europeus.

As letras sul-rio-grandenses, desde seus primórdios, expressam o ânimo guerreiro de seu povo, sempre disposto a emprestar sua valentia à guerra, e o heroísmo forjado pelas inúmeras lutas e revoluções. Na formação dessa literatura, o homem retratado é o monarca das coxilhas, o centauro dos pampas que só possui virtudes: valente, altivo, destemido, bondoso, fiel, honesto. O gaúcho-herói ocupa o mais alto papel nas produções literárias, desprestigiando tudo o que não faça parte do seu universo.

No momento em que a literatura gaúcha deixa de lado a aura mítica da formação do Estado, cedendo lugar a uma postura embasada na realidade, retratando aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais, ocorre uma transformação temática e o gaúcho-herói não é mais a única personagem da ficção.

Com base em tais premissas, acredita-se que, retomando-se a relação história e ficção, poder-se-á observar a representação do castelhano na literatura sul-rio-grandense. Não se pode deixar de ressaltar que a literatura relaciona-se incontestavelmente com a história, pois, frequentemente, o ficcionista busca no acontecimento histórico um meio de representar uma realidade, de retratar uma época e uma sociedade, de fixar momentos e figuras de importância universal.<sup>1</sup>

Desejando-se observar o percurso realizado pela figura do castelhano na literatura gaúcha e procurando verificar a autenticidade dos elementos fictícios ao confrontá-los com os dados históricos, recorreu-se às seguintes obras: *Cancioneiro Guasca e Contos Gauchescos*, de João Simões Lopes Neto; *O Tempo e o Vento*, de Érico Veríssimo; *Hombre*, de Sergio Faraco e *Contos de Sempre e Uma Terra Só*, de

<sup>1</sup> FREITAS, Maria Teresa de. *Literatura e história. O romance revolucionário de André Malraux*. São Paulo: Atual, 1986, p. 3.

Aldyr Schlee.

Inicialmente em *Cancioneiro guasca* e *Contos Gauchescos*, de João Simões Lopes Neto, é possível verificar a conotação mítica dada ao homem gaúcho. Em *Cancioneiro Guasca*, o autor resgata o acervo poético de origem popular. A recuperação da tradição oral permite ao autor legar à literatura sul-rio-grandense importante painel da cultura sulina do século XIX, desde as danças folclóricas até a produção de versos que tematizam o amor, a valentia, as guerras e os heróis dos pampas. Essa obra fixa o tipo gaúcho, uma vez que, em todos os poemas nos quais está presente, ele é mitificado, envolto em uma aura de bondade, valentia e perfeição incomuns em qualquer outro ser humano. Em contraponto, o homem castelhano, quando figura na obra, é sempre apresentado de modo depreciativo. Do mesmo modo, os dezoito textos de *Contos Gauchescos* concretizam a superioridade do homem rio-grandense e desvalorizam a imagem do castelhano. São contos exemplares dessa ótica “Trezentas Onças”, “Contrabandistas” e “Deve um Queijo”.

Segundo a História Oficial, a campanha contra os castelhanos continuou até meados das primeiras décadas deste século, quando Érico Veríssimo recupera, em sua trilogia *O Tempo e o Vento*, o antagonismo gaúcho/castelhano já instaurado por João Simões Lopes Neto.

No primeiro tomo da trilogia, *O Continente*, o autor inclui a indesejada presença do castelhano em território sul-rio-grandense, pois a obra privilegia a narrativa de formação da civilização gaúcha. Assim, no momento em que a sociedade sulina está sendo formada, são os castelhanos que surgem para corromper a terra e seus moradores. Episódio que exemplifica o litígio é a invasão castelhana na fazenda de Maneco Terra. Uma vez mais, o território gaúcho sofre o desrespeito do castelhano forasteiro que, ao invadir a propriedade dos Terra, praticamente aniquila a família. Os invasores desejam apenas dinheiro, mas acabam com tudo apenas por prazer e vingança infundada. Ao final da luta desparelha e desigual, pois os castelhanos são em número muito superior e estão bem mais equipados em arsenal guerreiro, o que resta é desolação, morte e tristeza.

O segundo tomo da trilogia, *O Retrato*, assinala a mudança de ponto de vista relativo à figura do castelhano. Através da personagem Don Pepe Garcia - espanhol de nascimento, Érico Veríssimo resgata o respeito pelo estrangeiro. Representando a aventura, o desconhecido, Don Pepe desperta a curiosidade de Rodrigo. Mesmo sendo um foras-

teiro, convive de forma amigável no pampa. Possuidor de grande cultura e dotes admiráveis (é pintor e muito viajado, acredita em um socialismo revolucionário), acaba conquistando a simpatia e a amizade de Rodrigo. Sua índole positiva fica explícita quando Rodrigo vai visitá-lo para efetuar o pagamento pela pintura do quadro: o castelhano não aceita o dinheiro e diz que sua amizade pelo médico já é suficiente. Entretanto, por estar doente, Pepe Garcia precisa de ajuda e pede a Rodrigo a quantia de cinquenta mil réis... emprestados! Assim, fica clara a nova posição assumida pelo povo gaúcho, nesse caso representado por Rodrigo Cambará, em relação aos castelhanos. Como o Estado do Rio Grande do Sul já possui seu território bem definido e demarcadas as suas fronteiras, não há mais a necessidade de precaver-se contra o estrangeiro. O tempo de hostilidades já faz parte de um pretérito distante e, então, é possível uma convivência pacífica com os habitantes dos países limítrofes.

Na obra de Érico Veríssimo, *O Tempo e o Vento*, observa-se, portanto, a evolução do signo "castelhano", abarcando dois momentos sugestivamente evocados: o primeiro, quando os castelhanos são vistos como os "de fora", captados pelo olhar e pelo sentimento do homem sulino como invasores; o segundo, quando não são mais tidos como estrangeiros, apontando para uma nova imagem que se concretizará posteriormente, determinada por uma nova atitude cultural.

Na moderna literatura sul-rio-grandense acontece a grande virada, quando o homem castelhano, ao integrar o elenco de personagens, deixa de desempenhar o papel de anti-herói. A partir dessa nova visão, compartilhará o mesmo espaço físico do gaúcho que, agora, não se sentirá ameaçado por seu vizinho de fronteira. Cabe então destacar dois contistas-Sérgio Faraco e Aldyr Schlee-responsáveis pela introdução definitiva do homem platino em obras de caráter ficcional.

As personagens de Sérgio Faraco - gaúchos e castelhanos - fazem parte de um mesmo mundo, apesar das diferenças de língua. Para o autor, o homem é igual em qualquer terra, seja ela brasileira ou não. Tomando como paradigma os contos "Travessia" e "Homem", percebe-se que tematizam a experiência dos que habitam o espaço limítrofe entre Brasil e Uruguai. É certo que ainda existe o confronto direto entre castelhanos e gaúchos brasileiros. Mas o que inova tal contato é a indiferença em relação à nacionalidade, diante da busca pela sobrevivência a qualquer custo. Nesses contos, o que importa é a questão humana, a preservação da vida de cada um. Dessa forma, a ampliação

da temática permite um alargamento da proposta ficcional regionalista.

Esta é também a posição de Aldyr Schlee, principalmente nas obras *Contos de Sempre* e *Uma terra só*. Nelas subsiste permanente a imagem do cotidiano, mas é um mundo mítico no qual a imaginação criadora predomina sobre a observação de costumes e modos de vida. Considerando essas características e a estrutura tradicional da narrativa de Aldyr Schlee (apresentação, nó, desenlace), concorda-se com Maria Eunice Moreira que, tratando da temática do ficcionista, diz que, em

*Contos se sempre (...) o homem fronteiriço, suas lutas e anseios são os temas desta obra organizada em torno de um núcleo comum - o tempo; Uma terra só, aproveitando as personagens que vivem no espaço fronteiriço do pampa gaúcho, na fronteira Brasil/Uruguai, as narrativas vinculam-se a uma certa tradição regionalista. Ultrapassada a marca regional, os contos tematizam a vivência do homem contemporâneo, independente do espaço no qual está inserido; Linha divisória (...) o espaço da fronteira (onde está a linha divisória) (...) se amplia para revelar os problemas existentes comuns de todos os "pueblos".<sup>2</sup>*

Portanto o homem, o espaço, o tempo, elementos nucleares da literatura regionalista, são agora abordados diferentemente do regionalismo tradicional explorado até aqui pela literatura sul-rio-grandense; nos contos de Schlee, esses elementos não mais apontam para o individual e para o passado, mas para o universal e o contemporâneo. Ao estabelecerem a união entre os homens que partilham as mesmas atividades e comungam das mesmas idéias ("Como uma parábola", "Primeiro de janeiro"), apontam para a identidade entre brasileiros e castelhanos. Através dessa identidade, gaúchos e castelhanos encontram-se no mesmo plano, sem hostilidades. O trabalho, as dificuldades são os mesmos para todos. A rivalidade existente é apenas em relação à própria vida; a nacionalidade não importa mais. Neste contexto, a única separação possível é aquela estabelecida pelos atos oficiais; na realida-

<sup>2</sup> MOREIRA, Maria Eunice. *Aldyr Schlee*. Porto Alegre: IEL, 1989. (Coleção Autores Gaúchos, 20), p. 23.

de, tanto os homens “de lá” quanto os “de cá” continuarão vivendo “em uma terra só”, ignorando a divisão política existente.

Vê-se, portanto, uma austera mudança no tocante à figura do castelhano na literatura regional do sul. Essa personagem passa de vilão a homem que aspira a novos horizontes de vida, assim como o gaúcho. Por consequência dessa modificação, a literatura sul-rio-grandense passa a ter seu leque de opções temáticas ampliado e ganha infinitas possibilidades de ficção. Mesmo que esta literatura tenha vínculos antigos e profundos com um conservadorismo regionalista e apesar de sua reduzida adesão aos movimentos de vanguarda do resto do país, já possui, nos dias de hoje, condições de ver multiplicado o seu público leitor. Uma vez que os temas abordados são de conteúdo universal, não haverá barreiras a dificultar a interpretação por parte de um receptor que desconheça as peculiaridades do Rio Grande do Sul.